

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA
CONTEMPORÂNEA DO BRASIL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS
CULTURAIS
MESTRADO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS**

**Câmara Cascudo e Mário de Andrade:
diálogos latino-americanos no modernismo brasileiro**

MILENA BUARQUE LOPES BANDEIRA

Rio de Janeiro,
2023

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA
CONTEMPORÂNEA DO BRASIL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS
CULTURAIS
MESTRADO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS**

**Câmara Cascudo e Mário de Andrade:
diálogos latino-americanos no modernismo brasileiro**

MILENA BUARQUE LOPES BANDEIRA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil como requisito para a obtenção do grau de Mestra em História, Política e Bens Culturais.

Professor orientador acadêmico: Prof. Dr. Bernardo Borges Buarque de Hollanda.

Rio de Janeiro,

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas/FGV

Bandeira, Milena Buarque Lopes

Câmara Cascudo e Mário de Andrade: diálogos latino-americanos no modernismo brasileiro / Milena Buarque Lopes Bandeira. - 2023.

107 f.

Dissertação (mestrado) – Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais.

Orientador: Bernardo Borges Buarque de Hollanda.

Inclui bibliografia.

1. Modernismo. 2. Literatura. 3. Nacionalismo e literatura. 4. Intelectuais. 5. Ciência política. I. Hollanda, Bernardo Borges Buarque de, 1974-. II. Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas. Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. III. Título.

CDD – 860

Elaborada por Marcelle Costal de Castro dos Santos– CRB-7/016/20

À Christiane e ao Selmidei.

À Lenira.

*"Urge o diálogo acima das fronteiras, com espíritos
universalistas como o Sr."*

(Luis Emilio Soto a Mário de Andrade, 13 de abril de 1931)

AGRADECIMENTOS

Embora a escrita se realize de maneira solitária, são vários os esteios, como fundamento, para que ela nasça em um trabalho como este. Para a realização desta dissertação de mestrado, então, eu agradeço aos meus pais, Christiane Buarque e Selmidei Bandeira, pela minha formação enquanto eterna estudante e leitora voraz – reflexos do que eles são e me transmitem –, para que eu me encontrasse em meu amor pelo escrever, mas, sobretudo, pelo suporte emocional e parental para que eu pudesse estudar quando se deu o tempo de estudar. Ao meu companheiro, Márcio Duarte, pelas repletas provas de amor, carinho e apoio em minha rotina de pesquisa, muitas vezes enterrada em um humor agrídoce.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Bernardo Borges Buarque de Hollanda, por, em um primeiro momento, ter me recebido com tanta gentileza e cuidado no Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC/FGV CPDOC) e, ao longo do caminho, por ter me acompanhado durante os últimos dois anos, sempre com direcionamentos certos e referências que alargaram os meus horizontes enquanto pesquisadora e me conduziram para que eu aprofundasse os meus conhecimentos. Com ele, eu aprendi.

Ao Prof. Dr. João Marcelo Ehlert Maia, também do PPHPBC, por fazer com que o lápis tocasse o papel com delicadeza e coragem, levando-nos, enquanto classe, a uma escrita acadêmica ativa e extremamente prazerosa, atenta à escuta e fortalecida pela troca.

Ao Prof. Dr. Daniel De Lucca, pelo acompanhamento tão assertivo e decolonial em um momento ainda embrionário desta dissertação, enquanto projeto de pesquisa na conclusão de minha pós-graduação *lato sensu* em Estudos Brasileiros no ambiente provocador da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP).

Às Prof^{as}. Dras. Denise Paiero, Cicélia Pincer e Marcia Detoni, por terem me encorajado a observar, registrar e pensar o mundo pelos caminhos do jornalismo – paixão e ofício que compartilhamos – e da academia. Nos corredores da Universidade Presbiteriana Mackenzie, fiz-me formalmente jornalista, tendo como referência as vozes e os olhares potentes dessas mulheres. Foi um privilégio.

À arte dos encontros, em três outras maravilhosas figuras femininas que reforçaram o meu amor pela palavra, em momentos diferentes da minha vida: a Prof^a. Dra. Fernanda Mazza, com sua didática *inenarrável* durante a minha graduação na Universidade Presbiteriana Mackenzie; a amiga Polyana Lima, uma das melhores revisoras que alguém pode ter para os seus textos; e a Prof^a Debora Facincani, por revelar o universo da literatura brasileira para uma Milena ainda no Ensino Básico.

ABSTRACT

The study presents a reading of the categories and demarcations on topics related to Brazilian nationality and identity in the first contacts established between Câmara Cascudo and Mário de Andrade, and between the two intellectuals and Ibero-American writers. In a historical context of search for a national formation, this study understands how these literary exchanges between intellectuals took place, what vision of South America emerges from these exchanges and how these relationships could open a field of thought that went beyond the nationalist speech, establishing regional approximations, in a notion of unity and similarity still in formation in the American continent. In dialogue with researches that maps these sociability networks beyond geographic borders, in individualized studies dedicated to the two Brazilian writers, this study combines Câmara Cascudo and Mário de Andrade in a scenario that involves productions in different formats and media: from correspondence exchanged to released books, as well as the publication of articles in printed periodicals. These dialogues established mainly in the 1920s express the urgency to overcome the lack of knowledge of the other, as we will see in the speeches of these intellectuals. As demonstrated, these dialogues established mainly in the 1920s express the urgency in overcoming the lack of knowledge of the other, as we will see in the speeches of these intellectuals, with efforts directed towards a fraternity that went through common themes, such as the recognition of origin and social problems, solidifying definitions about what would be and unite Latin America in that period.

Keywords: Câmara Cascudo; Integration Movements; Mário de Andrade; Modernisms; South America.

SUMÁRIO

Introdução	12
1. Câmara Cascudo e Mário de Andrade: uma amizade cosmopolita	17
2. Palavras ao vento	23
3. O Sul em diálogos transfronteiriços	35
3.1. Páginas de literatura: escritos de Câmara Cascudo	42
3.1.1 A Argentina intelectual em <i>Joio</i>	45
3.2. Páginas de literatura: escritos de Mário de Andrade	54
3.2.1. A Argentina modernista para Mário de Andrade	59
3.3. A pátria é um acaso	63
4. Súmulas de interlocutores sul-americanos citados na pesquisa	70
Conclusão	73
Referências Bibliográficas	76
Anexos	85
A) Cronologia política e literária	85
B) Capas de livros e artigos em jornais e revistas publicados por Câmara Cascudo, Mário de Andrade e mais	93
Figura 1	93
Figura 2	94
Figura 3, 4 e 5	95
Figura 6	98
Figura 7	99
Figura 8	100
Figura 9	101
Figura 10	102
Figura 11	103
C) O Sr. Mário de Andrade	104
D) Mapeamento de textos assinados por Mário de Andrade (Mario de Andrade, M. A. e M. de A.) publicados nas 9 edições da revista <i>Klaxon</i> em 1922	107

Introdução

Nas primeiras décadas do século XX, a cartografia do modernismo no Brasil pôde contar com diligentes adeptos do gênero epistolar. O mais célebre deles, o escritor e poeta Mário de Andrade (1893-1945), considerado um dos fundadores do movimento no país, estabeleceu uma ampla rede de contatos, que triangulava, por exemplo, observações provindas do Rio de Janeiro, na pessoa do amigo Manuel Bandeira (1886-1968), a Minas Gerais, destinadas a Carlos Drummond de Andrade (1902-1987).

Efervescente e renovador, o modernismo, inicialmente entendido como futurista, tomou conta dos círculos literários e artísticos desde a segunda metade de 1910 (GOMES, 1993) e envolveu intelectuais dispostos a pensar em e fomentar o que poderia ser a nossa identidade nacional, a identidade de um país de aspiração moderna gestado pela colonização. Renovações linguísticas e experimentações estéticas pautaram as produções artísticas e intelectuais de figuras consagradas do modernismo brasileiro, centrado, em sua primeira fase, na cidade de São Paulo¹. A partir de 1922, pelo marco e formalização da célebre e hoje centenária Semana de Arte Moderna de 1922, uma agitação política embalava o país, principalmente em seus setores oficiais, em uma onda que também tratava de comemorar um evento central e um tanto propositivo a ressignificações: o centenário da Independência do Brasil, em 1822.

A articulação desses círculos intelectuais – e, conseqüentemente, do debate mantido por eles – à época partia sobretudo das regiões sul e sudeste do Brasil, tendo no citado Mário uma figura de “liderança cultural hegemônica” e “intelectual total”, nas palavras do sociólogo Sergio Miceli (2012). Até o evento da Semana de 1922, a trajetória do escritor já compreendia o ensino de história da música no Conservatório de São Paulo (1913), o posto de catedrático de dicção, história do teatro e estética na mesma instituição (1922), a publicação de *Há uma gota de sangue em cada poema* (1917), seu livro de estreia (sob o pseudônimo de Mario Sobral), e o lançamento do influente *Pauliceia desvairada* (1922).

Se todos esses literatos refletiam certas “cadeias regionais de circunstâncias” (MICELI, 2012), e arquitetavam sociabilidades² pela troca de correspondências, é por meio do nordestino Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), no entanto, que Mário extrapola as

¹ Sobre as fases do modernismo brasileiro, consultar “Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo brasileiro”, de Angela de Castro Gomes, ensaio publicado na edição de número 11 (1993), da revista Estudos Históricos.

² Sobre a categoria de “sociabilidade”, consultar o trabalho do historiador francês Maurice Agulhon.

fronteiras nacionais e inicia um bate-papo transfronteiriço com modernistas do cenário intelectual sul-americano, em especial o argentino, em um Brasil que ainda penava em comunicar a sua própria história nos mais distantes rincões de seu território.

Apartado dos principais centros de circulação de arte e cultura da época (ARAÚJO e FERREIRA, 2018, p.8), o historiador, escritor, sociólogo e advogado potiguar, um dos mais respeitados nomes da etnografia e do folclore no Brasil, mas não só, também fazia das intensas missivas³ sua maneira de inserção, e ação, nas discussões políticas, econômicas e literárias do período, construindo, segundo José Luiz Ferreira, “uma ampla rede de interlocutores” (ARAÚJO e FERREIRA, 2018), bem à maneira de Mário.

Durante toda a década de 1920, período em que estabeleceu as primeiras conversas com o escritor paulista, Cascudo contribuiu ativamente com a imprensa local, tendo uma série de artigos publicados pelos jornais natalenses *A Imprensa* e *A República*, coletânea significativa para “a história cultural e literária do Rio Grande do Norte”⁴. O escritor tratava da cena literária e intelectual brasileira, mas não se restringia ao mercado editorial do país. Segundo Ferreira (2018, p. 27), Cascudo transpassava as fronteiras “do estado e do país, obras, escritores e tradições locais, ao mesmo tempo em que dava visibilidade, no cenário local, a obras, escritores e ideias, tanto nacionais quanto estrangeiros”, equilibrando, pode-se dizer, certas dinâmicas locais e cosmopolitas. No período, o historiador foi responsável pela “atualização da província que se modernizava e pesquisa da cultura regional com o objetivo de construir no estado uma tradição” (ARAÚJO, 1998, p. 17).

Foi desse modo, justamente, que a aproximação entre Mário e Cascudo se deu. Em agosto de 1924, o paulista agradece um artigo publicado pelo potiguar no jornal *A Imprensa* em junho do mesmo ano. Nele, Cascudo fala do “singular temperamento” do autor de *Pauliceia desvairada* (1922) (MORAES, 2010, p. 33), ao que Mário responde:

Você há-de permitir à minha modéstia que confesse a alegria que me deu o seu artigo. Muito obrigado. (...) Já o conhecia. O seu nome ficou-me dum artigo lido na Revista do Brasil. (...) Acredite que não me esquecerei mais de você. (MORAES, 2010, p. 33).

Pautada na admiração mútua e em uma extensa curiosidade a respeito do outro, de

³ Outra evidência que reforça a centralidade do modernismo no Sul do país é a publicação um tanto tardia da correspondência mantida por Câmara e Mário, em 2010, em comparação com as publicações que reúnem as trocas de Mário com Carlos Drummond (2002) e com Manuel Bandeira (2001).

⁴ José Luiz Ferreira e Humberto Hermenegildo de Araújo, pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, transcreveram, durante pesquisas desenvolvidas, cento e noventa e seis textos de autoria de Cascudo publicados em ambos os jornais.

seus feitos e de seu mundo⁵, a relação se aprofunda e culmina em dois encontros entre 1928 e janeiro de 1929, durante a longa expedição do paulista rumo ao norte do país.

Se foi pelas mãos de Monteiro Lobato (1882-1948) que Cascudo entrou em contato com a intelectualidade argentina (MEDEIROS, 2016), o historiador não hesitou em colocar as suas conexões sul-americanas e relações além-mar à disposição de Mário e de outros colegas, como é o caso do também amigo Joaquim Inojosa (1901-1987), crítico, poeta e advogado e polemista pernambucano. Ao intermediar o diálogo deste com escritores argentinos, o *Jornal do Comercio* registra em 1924, em artigo escrito pelo próprio Inojosa:

O Sr. Luiz da Câmara Cascudo conhece todo o Brasil, e trabalha numa obra de aproximação mental entre os escritores argentinos e brasileiros, especialmente nortistas. Mantém, com os primeiros, assídua correspondência, informando-os da movimentação literária do nosso país. (INOJOSA, 1968b, v. 2, apud OLIVEIRA, 2022, p. 23).

É interessante pensar em como essa circulação internacional de ideias⁶ refletiu em futuras visitas e na ampliação de um intercâmbio de reflexões que extrapolavam o campo literário. É nesta “missão de confraternidade”, como define a pesquisadora Patricia Artundo (2013), que dois jovens argentinos, o crítico literário Luis Emilio Soto (1902-1970) e o poeta Pedro Juan Vignale (1903-1974), chegam a São Paulo em 1926.

Superando barreiras linguísticas com o objetivo de explorar as razões de um desconhecimento que se tinha como mútuo, como o veremos mais adiante, intelectuais de diversos países latino-americanos se empenharam em traçar uma rota paralela que não mais tinha como ponte a cidade de Paris, ainda que a capital francesa continuasse a ostentar o seu lugar comum de formação para muitos desses escritores, principalmente entre os que compartilhavam origens em estratos sociais mais abastados, configurando-se, nas palavras de Miceli (2012), a "meca simbólica da elite sul-americana".

Se a cena cultural brasileira foi divisada por uma semana que intencionava mudar radicalmente a maneira como nós nos pensávamos e nos refletimos na arte que produzimos, é possível dizer que a Ibero-América como um todo viveu na década de 1920 uma "eclosão de movimentos modernos", de acordo com Piazza (2007), de quem adotamos neste estudo a escolha de demarcar como Ibero-América os países impactados majoritariamente pela

⁵ Em carta datada de 2 agosto de 1925, Câmara Cascudo diz a Mário de Andrade: “Estou às ordens para abarrotá-lo de regionalismos, modismos característicos, etc. Etc. Para começar registre este: Riquiffifi... Sabe o que é?” (MORAES, 2010, p. 54).

⁶ "As condições sociais da circulação internacional das ideias", ou as tendências e os fenômenos "de importação e exportação intelectual", foi uma conferência proferida pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2022) na Universidade de Freiburg, na Alemanha, em 1989.

Se no censo demográfico de 1920, Rio de Janeiro, então distrito federal do país, e São Paulo ocupavam o primeiro lugar no ranking de cidades mais populosas da Primeira República, com 1 157 873 e 579 033 pessoas, respectivamente, Natal em número de habitantes apresentava meros 30 696. Como afirma Machado (2012), em uma cidade ainda na periferia do Brasil da época, a imprensa exerceu um papel central de acesso a expectativas e transformações para a população norte-rio-grandense. "Ela segue os passos da imprensa nacional, veiculando e reproduzindo diariamente o que vinha acontecendo no mundo e nas principais capitais do país, em relação à economia, à conjuntura política e à vida cultural e social"

O papel de mediação intercultural exercido por revistas, jornais e enciclopédias foi fundamental para dinâmicas que se davam no presente, como o fortalecimento do exercício crítico, a divulgação de lançamentos e obras do período, mas também em um tempo futuro, como função basilar de periódicos de testemunha e registro. Analisando os circuitos de mediação intelectual no Brasil e na Argentina em um artigo sobre as experiências das publicações *Revista Brasileira* e *La Biblioteca*²⁹, Dutra (2016) reforça o caráter de trânsito/diálogo que esses periódicos tiveram em fins do século XIX e início de XX para os intelectuais dos dois países. Inclusive, retomando um tema abordado anteriormente, em triangulação com trocas culturais que tinham espaço no continente europeu: tanto a revista feita no Brasil quanto *La Biblioteca* foram inspiradas em organização, projeto editorial e forma física na francesa *Revue des Deux Mondes*³⁰. Segundo Dutra (2016), citando Bruno (2011), o escritor nicaraguense Rubén Darío chegou a confirmar a inspiração, dizendo ser *La Biblioteca* a "nossa *Revue des Deux Mondes*". A própria *América Brasileira: Resenha da Actividade Nacional*, empenho do editor Elysio de Carvalho, ilustra essa dupla face da sedimentação de uma identidade: o periódico imprimiu em suas páginas a ex-metrópole ibérica – Portugal – e a produção literária da América Espanhola, "não olvidando a tradição ibérica" (Piazza, 2007). É na revista que Mário de Andrade publica, entre 1923 e 1924, as suas *Crônicas de Malazarte*.

A América Brasileira consagrou algumas personalidades do mundo ibérico; da América Espanhola, Rubén Darío e Rufino Blanco-Fombona; da Espanha, Don Juan Valera, Ramón Gómez de La Serna e Azorin; do Brasil, além de Elysio de Carvalho, Graça Aranha e Ronald de Carvalho, protagonistas da *Semana de Arte*

²⁹ Revista argentina lançada em junho de 1896. A publicação foi dirigida por Paul Groussac, então gestor da Biblioteca Nacional de la Argentina desde 1885, e se caracterizava por ser um periódico centrado na divulgação de novidades científicas, históricas e literárias. Ver mais em BRUNO, Paula G.

³⁰ Segundo Dutra (2016), o periódico francês, com sua vocação intercultural, instituiu um arquétipo para revistas e publicações literárias, enciclopédias de cultura e almanaques do período.

Moderna de 1922. Com relação aos autores espanhóis, a revista, a partir de janeiro de 1924, publicou O momento literário de Espanha, com destaque para Don Juan Valera (1824-1905), Ramón Gómez de La Serna (1888-1963) e Azorin (1873-1967). (Piazza, 2007, p. 53)

De acordo com Piazza (2007), pode-se dizer que certo nacionalismo de caráter militante e cultural movia Elysio, tendo sido ele, inclusive, o precursor da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, projeto que seria retomado 50 anos depois pelo embaixador José Aparecido de Oliveira (1929-2007). É de se compreender certa onda nacionalista, e até ufanista, à época, próxima ao fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e em face às comemorações do centenário da Independência do Brasil. Em *Nacionalismo literário e cosmopolitismo*, Antonio Arnoni Prado ressalta justamente, entre o grupo que conduzia o periódico, o culto ao político e líder venezuelano Simón Bolívar e a crença em uma "solidariedade latino-americana".

Revestidos de um caráter transnacional e transcultural, esses periódicos refletiram em futuras visitas e ampliação de um intercâmbio de reflexões que extrapolavam o campo literário³¹. É nesta "missão de confraternidade" (ARTUNDO, 2013) que dois jovens latino-americanos, Soto e o poeta argentino Pedro Juan Vignale (1903-1974), chegam a São Paulo nos primeiros dias de 1926. Os dois, por sinal, apresentados a Mário de Andrade por intermédio de Cascudo, que ainda não os conhecia pessoalmente. A revista *Los Pensadores* (1924-1926) ressalta a importância do intercâmbio "entre os países além e aquém do Oceano, para intensificar o alcance de nossa obra e obter a natural repercussão que lhe dará maior eficácia". Antecedendo e prolongando encontros, a correspondência, bem como as trocas de críticas em artigos e ensaios, se fazia de espaço de sociabilidade que prolongava o físico em viagens e festivais. Acompanhando a passagem pelo Brasil, por exemplo, Vignale publica em *Folha da Manhã*, veículo de imprensa de São Paulo, no dia 3 de fevereiro, o artigo "Reseña de la Renovación Estética en la Argentina: Hacia un Arte Americano".

Os textos publicados por Câmara Cascudo nos jornais natalenses *A Imprensa* e *A República*, nos anos de 1924, 1927, 1928 e 1929, segundo Ferreira (2008), têm representação significativa para a história cultural e literária do Rio Grande do Norte e simbolizam, em seu recorte, o início da divulgação no Rio Grande do Norte dos ventos de vanguarda que tomavam o país, os anos das visitas do escritor paulista ao estado e compreendem o ano de publicação d'O livro de poemas, de Jorge Fernandes (1887-1953), considerado um dos

³¹ Dada a forte influência francesa nas letras brasileiras, o fluxo de intelectuais vindos do país europeu é significativo. Ainda que se configure como interesse de fundo para esta pesquisa, ver Piazza (2007) para esse panorama.

precursores da poesia moderna no país e poeta muito mencionado nas missivas trocadas pela dupla.

Graças às pesquisas de mestrado e doutorado empreendidas por Ferreira (2018, p. 16), 196 textos do escritor potiguar publicados nesses periódicos foram identificados e transcritos. Segundo o pesquisador, parte o material destinava-se “à divulgação de obras e escritores estrangeiros, principalmente, os latino-americanos” (2018, p.16).

Ao demarcar o escopo das publicações *Revista Brasileira* e *La Biblioteca*, Dutra apresenta características comuns e presentes em muitos dos periódicos da época

Tanto uma quanto outra foram instâncias de construção e representação dos "autores", de comunicação e legitimação da literatura e também de programas político-culturais nacionais. Também foram instâncias de visibilidade de conteúdos e tendências intelectuais, bem como exerceram a mediação de obras literárias, ensaios, crítica literária, resenhas bibliográficas, antologias, os quais conforma instâncias discursivas na formação de um cânone de leitura e de tradição literária (DUTRA, 2016, posição 3951)

Com tese centrada nas relações entre Cascudo e o polímata pernambucano Gilberto Freyre (1900-1987), que encabeça um movimento de retraditionalização a partir de 1923, Ferreira (2008) afirma que a região foi "o espaço em que as idéias do modernismo de origem paulista tiveram ampla divulgação. Neste caso, foi através da articulação entre o modernismo e o regionalismo que se trouxe à tona as discussões sobre a realidade artística e cultural da região" (p. 10).

Retomando a percepção de um certo deslocamento de lugar, é interessante notar como esses escritores registravam trânsitos que denunciavam a não-linearidade e, de certo modo, uma não-hegemonia do projeto de uma identidade nacional, ainda que estivesse na ordem do dia e fosse pauta máxima do modernismo, para além das inovações estéticas e formais. Se certa “penúria cultural”, de que nos diz Candido (2014), fazia com que escritores se voltassem para centros metropolitanos europeus, que pudessem lhes fornecer um ponto de referência e um projeto de literatura, quando pensamos em zonas de contato e em pontos de encontro entre as elites intelectuais da América do Sul também deslocamos o eixo geográfico, deslocamos o olhar. Ironicamente, a ponte poderia não passar necessariamente pela Europa – até mesmo em um movimento de distanciamento pela afirmação. Em artigo publicado sobre Elysio de Carvalho na *América Brasileira*³², o francês Manoel Gahisto (1878-1948) chama a atenção para determinadas afirmações do editor sobre o nacionalismo brasileiro que

³² Segundo Piazza (2007), tradução de texto de novembro de 1923 veiculado originalmente na *Revue de l'Amérique Latine*.

"repelem, solidamente, a influência francesa" e censuram imitações e modas fáceis do país. Como diria Pascale Casanova, Paris se consubstanciava como uma espécie de meridiano de Greenwich literário.

Ainda no fim do século XIX vários foram os exemplos de interações e conexões, além de reflexões, que buscavam extrapolar fronteiras com lentes direcionadas para países vizinhos na porção Sul do continente americano. Em 1895, por exemplo, o advogado, jornalista e poeta Mário Alencar (1872-1925)³³, filho do escritor cearense José de Alencar (1829-1877), escreve o artigo "Letras americanas", com o objetivo de apresentar um texto escrito pelo político e escritor argentino Bartolomé Mitre (1821-1906). Já em 1898, uma conferência do escritor e diplomata maranhense Graça Aranha (1868-1931), apresentada no Ateneo de Buenos Aires, dava conta d'A literatura atual no Brasil". Ainda em 1921, nos meses que antecederam a Semana de Arte Moderna, um informe de 10 de dezembro, de autoria de Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), historiador e sociólogo brasileiro entusiasta e agitador do evento, antecipava o evento, sim, mas trazia uma proposição que extrapolava um pensamento meramente nacional. Na Fon-Fon, ele escreveu, como destaca Prado (2015):

"Se eu fosse assaz ousado, violaria todas as regras da fantasia de aliterações, de assonâncias, de tudo que me parecesse cômodo (...)." No corpo da nota, a chamada para as diferenças que se radicalizavam na Pauliceia entre os que Sérgio chamava de beletistas e os seus adversários futuristas, estes últimos – segundo ele mais próximos de Tristan Tzara que Marinetti – prontos a desencadear o que Sérgio antevia como **"um movimento de libertação dos velhos preconceitos e das convenções sem valor, único no Brasil e na América Latina"**³⁴. (PRADO, 2015, p. 194-195)

Aliás, em um balanço sobre o percurso intelectual e crítico de S. B. H., em "Nota breve sobre Sérgio crítico", ensaio presente em *Cenário com retratos: Esboços e perfis* (2015), Antonio Arnoni Prado aponta uma característica de Sérgio que merece destaque, por reforçar as proposições delineadas nesta pesquisa: a emancipação intelectual do Brasil passava pela emancipação política do continente. "Sérgio associava a busca da nossa identidade como única forma capaz de vencer os obstáculos do nosso isolamento em relação à vida cultural da América Latina." (PRADO, 2015, 191).

Se nas missivas de Cascudo destinadas a Mário as interlocuções argentinas aparecem

³³ Exemplo de intelectual plural em suas funções, Mário contribuiu com diversos veículos ao longo de sua trajetória profissional. Para citar apenas alguns órgãos de imprensa: Almanaque Brasileiro Garnier (criado em 1903 e mantido até 1914), Correio do Povo (jornal fundado em 1895 e ainda em circulação); Gazeta de Notícias (1875-1956, contando com contribuições de Mário em 1894); Revista Brasileira (criada em 1855, com contribuições do advogado entre 1895 e 1899 e ainda em circulação, sendo a publicação da Academia Brasileira de Letras), entre outros, no Rio de Janeiro, além de alguns periódicos paulistas.

³⁴ Grifo da pesquisadora.

com certa naturalidade e cotidianidade, e se na virada do século, em 1900, o portenho Martín García Mérou (1862-1905)³⁵ publica *El Brasil Intelectual. Impressões e Notas Literárias*, a sensação de isolamento sentida por SBH não era insular. Dutra (2016) afirma que o desconhecimento era mútuo entre os países da América Latina: em seu "As letras americanas", Mário de Alencar diz se saber pouco das nações hispano-americanas no Brasil; e Mérou, por outro lado, comenta que "de todas as literaturas sul-americanas nenhuma é tão pouco conhecida entre nós como a brasileira".

Em 1895, Alfredo Maria Adriano d'Escragnoille Taunay (1843-1899), primeiro e único visconde de Taunay, indaga, em balanço para a Revista Brasileira sobre obras de Mérou:

Por que o isolamento em que temos vivido uns para com os outros? Que justificação tem essa ignorância radical, esse desconhecimento absoluto dos nossos esforços para, cada qual em sua circunscrição territorial, fazermos alguma coisa honesta e sincera a bem das letras? (Taunay, 1895, p.280-281, apud Dutra, 2016)

Intelectual precursor e destaque no mercado editorial brasileiro, Monteiro Lobato, responsável pela Revista do Brasil entre 1918 e 1925, manifestou, como bem ressaltou Soares (2006) e abordaremos adiante, "disposição para abarcar em seus projetos a América Latina, em particular a Argentina". Em um intercâmbio particular de correspondências, Lobato recebe do novelista, poeta e ensaísta argentino Manuel Gálvez (1882-1962) uma proposição que merece destaque nesta pesquisa por reforçar mais do que um desconhecimento: a ânsia pela aproximação:

(...) A literatura brasileira me interessa enormemente (...). Creio, com toda sinceridade, que vocês têm uma literatura superior à nossa. (...) Seria muito incômodo enviar-me uma pequena lista, 20 nomes no máximo, do que mais se sobressai dentro da pura literatura? (...) De minha parte, posso escrever para você (...) um artigo sobre a literatura argentina do momento para a Revista do Brasil. Parece-me lamentável que nossos países não se conheçam, e nós escritores devemos fazer algo em prol da aproximação e conhecimento entre ambos os povos.³⁶

Em 1923, Elysio de Carvalho publica *Príncipes del Espíritu Americano*, uma coletânea de três estudos sobre Rubén Darío, o "príncipe dos poetas de língua castelhana"; Graça Aranha, o "príncipe da literatura brasileira" e Don Rufino Blanco-Fombona, o

³⁵ Diplomata argentino, embaixador e ministro plenipotenciário da Argentina no Brasil, Mérou publicou 25 dos 39 capítulos de *El Brasil Intelectual* na revista *La Biblioteca*. Com menções e referências à Revista Brasileira e ao crítico José Veríssimo (1857-1916), a obra apresenta análises a respeito da vida intelectual brasileira, além de um longo estudo sobre a personalidade e as obras do jurista e polímata Rui Barbosa de Oliveira (1849-1923), a quem Mérou conheceu em Petrópolis após o retorno do intelectual baiano do exílio na Inglaterra durante o governo de Floriano Peixoto (1839-1895).

³⁶ Destaque da pesquisadora de carta de Manuel Gálvez a Monteiro Lobato, Buenos Aires, 13 de agosto de 1919, original, em Soares (2006, p. 250).

"príncipe do espírito americano", este um escritor venezuelano bastante presente e, talvez, consagrado pelas páginas América Brasileira, editada por Elysio. Segundo Piazza (2007), "os ensaios tinham como objetivo a definição de três grandes forças da literatura do continente, procurando sintetizar o caráter de sua pujante mentalidade".

Ainda assim, na segunda década do século XX, a sensação de nosso "insulamento no continente latino-americano", nas palavras do poeta e político carioca Ronald de Carvalho (1893-1935), era presente, como registrado em "México, paiz de beleza", artigo de outubro de 1923, publicado em América Brasileira. O texto repercutiu a passagem do diplomata pelo México, país em que visitou a convite do governo mexicano, segundo Piazza (2007).

As livrarias no México não possuíam qualquer obra científica ou literária do Brasil, somente por informações as pessoas sabiam da existência de Olavo Bilac, do qual se traduziram alguns sonetos, de Machado de Assis, através de dois ou três contos e de Graça Aranha, por Canaã. Mesmo assim, os mexicanos mostravam-se interessados e acompanharam o curso ministrado por Ronald de Carvalho na Universidade Nacional, sobre a história da formação e da cultura do Brasil. Para o escritor, a missão mexicana que veio ao Brasil por ocasião do Centenário da Independência em 1922, chefiada pelo ministro da Educação José Vasconcellos, contribuiu para melhorar 'esse estado de cousas', ou seja, a propaganda do Brasil através da divulgação de sua literatura. (PIAZZA, 2007)

Esses exemplos ressaltam a importância do empenho de Cascudo, estando geograficamente apartado dos principais círculos de incidência direta do modernismo à época, ainda mais se atentarmos para o fato de que é o escritor potiguar quem coloca à disposição de Mário suas amizades transnacionais. Como demonstram relatos e confidências feitas pelo escritor ao amigo paulista, Cascudo estabeleceu conexões sul-americanas que o levaram a ter o retorno da revista *Cuba Contemporânea*, de "Habana", como ele mesmo diz, a respeito de *Joio* (1924), obra que reúne "páginas de litteratura", "páginas de critica" e ensaios sobre escritores argentinos. Segundo Araújo e Ferreira (2018), "a aproximação de Câmara Cascudo com os escritores argentinos é intensa".

Em meio aos 196 materiais transcritos a partir das contribuições de Cascudo à imprensa, alguns recortes são precisos. Em 1924, seu primeiro ano de colaboração em *A Imprensa*, todos os textos dedicados a autores estrangeiros tematizam escritores de nacionalidade latino-americana. Entre os 49 textos esparsos publicados por Câmara Cascudo naquele ano, três figuram nos 10 escolhidos para compor a última seção de *Joio*, segunda obra publicada por ele, editada pela Off. Graph. d'A Imprensa, como consta em seu frontispício. São eles: "Froylan Turcios", *A Imprensa*, Natal, 30 janeiro; "Ricardo Gutierrez". *A Imprensa*, Natal, 25 abril; e "Salvador Alfredo Gomis". *A Imprensa*, Natal, 27 abril.

ameaçador e bruto em sua grandeza implacável por que, há séculos estão unidos e se educam para um dia influir e ordenar"⁶³. Uma mais segura associação sul-americana, no sentido econômico, seria uma empreitada ideal para Cascudo.

Regularização de mercados, fixação de typos padrões de exportação em café, assucar, sal, algodão, cacau, salitre, guano, madeiras, mineraes etc. Redução mínima da taxa telegraphica e postal. Quase gratuidade para livre entrada de jornaes e livros. Uma rodovia transadina, colleando todos os países, carreando todos os interesses, resumindo todas as operosidades (CASCUDO, 1928b).

Denominando Centro-America parte da região, ao citar alguns países do continente, o historiador diz quando da visita do presidente eleito – ainda que não empossado no período da viagem feita:

Na Bolívia, Paraguay, Perú. Por todo **Centro-America**⁶⁴, estalam protestos. (...) Política nascida do próprio elasteiro financeiro. Política de transbordamento natural. Lógico. E porque não seremos nós, **sulamericanos**⁶⁵, lógicos em nossa política?... (CASCUDO, 1929a)

O escritor potiguar apontava para a necessidade de uma "centro-américa", frente à dominação norte-americana, vista por ele como presente em diferentes esferas. Segundo Ferreira (2008, p. 81), "a idéia de criação do Centro-América não se limitava a uma questão geográfica, uma vez que nos textos de Câmara Cascudo a Argentina aparecia como sendo o país com maior número de poetas e intelectuais por ele divulgados". É relevante ressaltar o fato de que a preocupação com a integração no continente compreendia aspectos econômicos, sociais, políticos e, sim, culturais e literários.

No discurso, a origem colonial comum de atraso parece fazer aproximar. Os interesses fragmentários das vanguardas do momento, delimitando identidades, e uma ferrenha postura antiamericanista fermentam a valorização regional e endossam o interesse em um pêndulo proposto, futuramente, por Candido (1995) entre "ser nacionalista no sentido de preservar e defender a sua autonomia e a sua iniciativa", mas sem entender o nacionalismo como "exclusão das fontes estrangeiras".

Essa rede forjada substancialmente por meio de correspondências, um espaço de sociabilidade que dava vazão e até fazia aprofundar e estender encontros físicos, colaborou para desencadear um espírito de confiança, autoafirmação e autonomia, reavivando os nacionalismos de cada um dos países de língua espanhola e também originando um certo

⁶³ "O dogma do Imperialismo americano", em *A República*, de 21 de junho de 1928.

⁶⁴ Grifo da pesquisadora.

⁶⁵ Grifo da pesquisadora.

latinoamericanismo⁶⁶. Extrapolar e superar o caráter nacionalista de cada um desses modernismos se faz, portanto, essencial.

A nossa literatura tem essa propriedade: fixa, desconhecida, sem aparecer e sem evoluir. Possuímos a mitológica fome de Saturno; devoramos nossos filhos, após o nascimento. Ou o que se escreve, escandalosamente mau e, nós não temos literatura, ou os livros são bons, e o nosso parcialismo os destrói, e nós não temos crítica. É necessário gritarmos a rude verdade, é preciso sacudir a nossa indolência, é urgente que os “nossos” literatos sejam conhecidos em meios maiores (CASCUDO, 30 nov. 1918d)

Na visão de Medeiros (2016), o historiador espelhava um sentimento de renovação que, à época, ressoava pelo continente como um todo. "A visão de pátria, de nacionalidade, de integração vinculada à noção de coletividade e tradição, aparece como uma constante do pensamento de Cascudo nesses ensaios" (2016, p. 91).

Se o mapeamento das aproximações regionais entre escritores latino-americanos já tem formado uma fortuna crítica basilar, as colocações de Câmara Cascudo, nos espaços enunciativos dos ensaios de *Joio*, bem como as demarcações feitas por Mário de Andrade em correspondências e artigos são convite para os seguintes questionamentos: 1) de que América falavam em seus discursos? 2) como essa visão – ou múltiplas noções – dialogava com o que se compreendia, geopoliticamente, do continente americano no período? 3) como os dois escritores se aproximavam e se distanciavam, tendo como referencial o que pensavam a respeito do tema?

3.2. Páginas de literatura: escritos de Mário de Andrade

Em "Prefácio Interessantíssimo", texto com o qual Mário de Andrade abre *Pauliceia desvairada* (1922), é possível encontrar um local, por assim dizer, interessante e esclarecedor a respeito das posições do escritor paulista para aquele movimento que se tornou parte de sua alcunha. Em fluxo de consciência, o prefácio em versos é manifesto do novo e resgate do primitivismo, ainda que reserve ao passado um espaço de contemplação ativa. Tudo ao mesmo tempo, o texto dicotômico e em tensão é espelho dessa faceta do modernismo brasileiro que não dialogava com uma suposta identidade calcada no desconhecimento do outro: "Não sou futurista (de Marinetti). Disse e repito-o. Tenho pontos e contacto com o futurismo" (ANDRADE, 1922).

Propondo o desvairismo como uma nova escola literária, Mário de Andrade nos diz

⁶⁶ Para essa relação, MORENO, Cesar Fernandez. América Latina en su literatura. 4. ed. México, Espanha e Argentina: Siglo Veintiuno Editores, 1977.

atrasados em relação às vanguardas europeias e sugere o moderno sem oposição franca ao passado, reconhecendo neste um valor para o presente e para o futuro.

Não quis também tentar primitivismo vesgo e insincero. Somos na realidade os primitivos duma era nova. Esteticamente: fui buscar entre as hipóteses feitas por psicólogos, naturalistas e críticos sobre os primitivos das eras passadas, expressão mais humana e livre de arte. / O passado é lição para se meditar, não para reproduzir. / “E tu che sé costí, anima viva, Partiti da cotesti che son morti”. / Por muitos anos procurei-me a mim mesmo. Achei. Agora não me digam que ando à procura de originalidade, porque já descobri onde ela, estava, pertence-me, é minha. (ANDRADE, 1922).

Da mesma maneira que inicia o seu "inútil" prefácio lançando um novo momento de ruptura na narrativa da historiografia literária brasileira, Mário considera o fim do desvairismo quando do encerramento de seu texto: "E está acabada a escola poética. “Desvairismo”. / Próximo livro fundarei outra.", ele diz. Totalmente fortuito, acidental, em consonância com a rítmica do início do século XX, o poeta paulista afirma escrever *Pauliceia* para olhos vivos, embora não tenha deixado no papel algo muito planejado: a mão registra o que a cabeça nem chegou a formular ainda.

Escrever arte moderna não significa jamais para mim representar a vida atual no que tem de exterior: automóveis, cinema, asfalto. (...) / Canto da minha maneira. Que me importa si me não entendem? Não tenho forças bastantes para me universalizar? Paciência. Com o vário alaúde que construí, me parto por essa selva selvagem da cidade. Como o homem primitivo cantarei a principio só. Mas canto é agente simpático (...) (ANDRADE, 1922).

Além de hegemônico enquanto liderança cultural naquele período, como bem categorizou Miceli (2012), Mário de Andrade era mesmo inventivo, polivalente e detinha um cabedal cultural único. O texto de "Prefácio Interessantíssimo" (Anexo A) sintetiza sua visão sobre o momento em que vivia, apresenta referências (e também ao que se contrapunha) e suas considerações a respeito de uma escrita brasileira e de seu empenho por um nacionalismo que não construísse barreiras.

Nas 11 missivas endereçadas a Cascudo, no período de 1920 a 1930, o intelectual, além de comentar fatos cotidianos, fazer sugestões em textos enviados pelo colega e, evidentemente, destinar livros e periódicos ("Aqui vai uma porrada de coisas pra você. Livros, jornal e brigas.", Andrade, 1926b), encontra espaço de abertura para demarcar e conceituar alguns termos caros a uma das vertentes do modernismo brasileiro do momento, a gestada por ele. Em 3 de fevereiro de 1926, na mesma correspondência em que noticia a chegada de Soto a São Paulo, Mário de Andrade convoca a participação de Cascudo na

enquete da primeira edição do periódico Terra Roxa e Outras Terras e comenta algumas celeumas de bastidores envolvendo o próprio poeta, Menotti e Graça Aranha. Destaca-se, contudo, ao que nos interessa as seguintes considerações:

Você repara também certo passadismo em algum... É questão de finanças, meu caro. E aliás o passadista do número é sujeito de muita inteligência, muito meu amigo porém que não devia escrever. Deu pra escrever... paciência! No 2o número você se admirará talvez de encontrar uma descompostura minha no Menotti. É verdade. Esse homem está cada vez ficando mais pedante e como arranjou um grupinho de sequazes que como ele deram pra patriotas por **não poderem compreender a elevação de ideia em que estamos alguns fazendo brasileirismo sem nacionalismo**, resolveu, se imaginando forte, me atacar. (...) No 3o número de Terra Roxa porém explicarei pela primeira vez minha atitude e a orientação de meus trabalhos. **Isso é preciso pra que não me confundam com essa corja de nacionalisteiros de última hora que por aqui andam ganindo.** (ANDRADE, 1926b)

A busca por certa universalização de suas ideias a respeito de temas como identidade, nacionalismo e brasilidade toca menos a seara da vaidade intelectual e muito mais um cuidado de Mário, que é constante e calculado, em se opor a "nacionalisteiros" que incorreriam em um "nacionalismo supernacionalistificante"⁶⁷, como diz a Sousa da Silveira.

Esse tipo de circunscrição, para além de delimitar certo distanciamento de um patriotismo tido como nocivo, almejava sobrepor ideias que apenas a princípio poderiam aparentar dicotomia ou dualidade. Não se tratava de um posicionamento restrito a Mário de Andrade.

Na edição de número 1 da primeira revista do modernismo brasileiro, a *Klaxon*, datada de 15 de maio de 1922, por exemplo, um manifesto assinado pela "redacção" pontua saber que "a humanidade existe. Por isso [a revista] é internacionalista", mobilizando um termo do campo das relações internacionais⁶⁸ que, de origem, ainda na segunda metade do século XIX, compreendia ideias e fenômenos políticos diversos que convergiam em uma solidariedade política e econômica de povos e nações, mas que, naquele início dos anos XX já carregava matizes revolucionários.

Esquadrinhar as considerações de Mário sobre determinados conceitos não se traduz em tarefa descomplicada. Com a própria *Klaxon*, atravessando o ano simbólico de 1922, o escritor colaborou com a publicação de 22 textos sobre assuntos e em formatos diversos, contribuindo com crônicas, poemas e críticas literárias. Apenas em dois deles, contudo, o

⁶⁷ Expressão extraída de cartas escritas em 1935 a Sousa da Silveira, exibido na exposição "Mário Oswald", que permaneceu em cartaz no Centro Cultural São Paulo, em São Paulo, de 25/04/2017 a 20/08/2017.

⁶⁸ Para uma maior aprofundamento do vocábulo internacionalista, conferir definição de Aldo Agosti em volume 1 de BOBBIO, Norberto, 1909-. Dicionário de política/Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino.

escritor se detém em suas considerações sobre a temática levantada nesta pesquisa.

Como mencionado anteriormente, a trajetória de Mário até meados da década de 1920 já compreendia experiências difusas e polivalentes entre ensino formal, como em história da música no Conservatório de São Paulo (1913) e o posto de catedrático de dicção, história do teatro e estética na mesma instituição (1922), publicações em volumes⁶⁹, como os de *Há uma gota de sangue em cada poema* (poesia 1917), *Pauliceia desvairada* (poesia, 1922), *Primeiro Andar* (conto, 1926) e, evidentemente, a sua presença constante em colaborações com a imprensa de diferentes estados do Brasil. O seu projeto de construção de uma identidade brasileira passa por uma produção que caminhou por diferentes formatos e temáticas.

Nos anos de 1926 e 1927, Mário de Andrade publica, a convite de Oswald de Andrade, na edição paulista do jornal carioca *A Manhã*, periódico de relevância na imprensa e na cena política do Rio na década de 1920, artigos em que menciona a literatura argentina, sendo um deles "Clara Argentina". Fundado por Mário Rodrigues (1885-1930), pai do célebre escritor Nelson Rodrigues (1912-1980), o matutino, quebrando a tradição dos jornais vespertinos, começou a circular em 29 de dezembro de 1925 e teve uma trajetória "curta e ruidosa", na definição de Molina (2011):

(...) abriu caminho para um jornalismo popular, de um sensacionalismo exacerbado, que até então era desconhecido e raras vezes foi igualado. Inovou na imprensa pela sua apresentação gráfica e pela qualidade de suas charges e ilustrações, que contribuíram para sua grande aceitação pelo público. (MOLINA, 2011)

Em "Clara Argentina", artigo publicado na edição de 26 de outubro de 1926, o escritor paulista relata o início de seu interesse pelo país em questão, curiosamente por outras portas de entrada que não a literária:

Faz já uns bons pares de anos que principiei me interessando pelos "nossos vizinhos do sul". Isto é, muito antes disso eu já sabia da vitalidade e braveza deles sempre que torcia, torcia no futebol, Friedenreich era gentilmente chamado por êles "El tigre", recebíamos cestas de flores e no fim da história a verdade é que a gente levava em geral cada tunda, puxa!...
Depois ajuntei outros interesses aos do futebol, aprendi o tango, andei procurando compositores argentinos, me interesse pela arquitetura de Buenos Aires, conheci um argentino gringo que andou surripiando uns contecos por aqui (...) (ANDRADE, 1926)

⁶⁹ A cronologia geral da obra de Mário de Andrade publicada em volume, organizada por Telê Porto A. Lopez permite uma visão macro do caminho percorrido pelo escritor no que diz respeito a volumes. Ver em Lopez (1969).

É justamente neste texto que Mário de Andrade cita a passagem ("estouraram pela minha casa") de Soto e Vignale por São Paulo, relata seus outros contatos intelectuais com a "Argentina boa" e categoriza regionalmente o Brasil e o país vizinho como pertencentes a "nossa Sulamerica".

Então conheci nos livros o Ricardo Güiraldes de cujo recente *Don Segundo Sombra*, uma obra-prima, hei-de falar; a Oliverio Gironde que modelou em versos estupendos uma Semana-santa de Sevilha; o Pettoruti pintor modernissimo de que o Governo argentino acaba de comprar o quadro *Los Bailerines* pro museu de La Plata... Enfim conheci e ando conhecendo a Argentina cuera. (ANDRADE, 1926)

"Clara Argentina" tem por mote a incredulidade do escritor com o fato de a Argentina ter destinado 75 milhões de pesos, na moeda da época, para a compra de material bélico de fabricantes de submarinos e metralhadoras. Entre diversas colocações, Mário de Andrade diz temer uma possível guerra entre as nações vizinhas, comenta ter a Argentina feito papel de tonta e coloca em pauta as consequências de um conflito armado, considerando que possam haver, obviamente, "homens roubados da humanidade".

Na visão de Piazza (2007), uma rede forjada por meio de intercâmbios que vão de correspondências a visitas, passando por críticas literárias e aquisições de obras, permitiu ao escritor uma aproximação de intelectuais ibero-americanos, resultando em produções como a série publicada no *Diário Nacional* sob o título *Literatura Modernista Argentina*.

Três passagens de missivas remeidas por Luis Emilio Soto em 29 de junho, em 12 de julho e em 3 de setembro de 1926, respectivamente, detalham

Recebi todas as suas cartas, livros para [Emilio] Pettoruti e exemplares de *Terra Roxa*⁷⁰. Fiz a respectiva distribuição assim como de seus livros. Está pois em contato com os ases mais destacados da cúpula vanguardista daqui. Logo irá recebendo em correspondência aos seus, livros da Sra. Victoria Ocampo, Sres. Jorge Luis Borges, Evar Méndez, Raúl González Tuñón, Nicolás Olivari, José S. Tallón etc., agradicados no reparto dos poucos volumes que eu trouxe. (ARTUNDO, 2013, p. 111-112)

Envio-lhe o livro [*El Cencerro de Cristal*] de [Ricardo] Güiraldes ao que já fiz referência. Gostaria de conhecer sua impressão pois se trata de um dos escritores que mais alta figuração tem aqui agora. (ARTUNDO, 2013, p. 115)

Parece-me muito boa sua atitude para escrever sobre nossos autores e terei muito prazer em enviar-lhe toda sorte de referências que possam orientá-lo e permitir-lhe situar com comodidade e sem risco cada um deles. (ARTUNDO, 2013, p. 117)

Líder por convicção, Mário, de fato, possuía um "radar privilegiado em matéria de

⁷⁰ Soto foi um interlocutor particularmente interessado em *Terra Roxa*. O periódico é citado e demandado nas missivas datadas de 29 de junho e 25 de novembro de 1926 e 2 (?) de fevereiro e 15 de julho de 1927.

importação cultural" (MICELI, 2012) e um ímpeto de articulação intelectual um tanto inerente a sua atividade literária. O poeta caminhava por todo e qualquer assunto, mobilizando nomes da música clássica, do cinema, das artes plásticas e da literatura mundial.

Em "O homenzinho que não pensou", crônica publicada no terceiro número de *Klaxon*, em 15 julho de 1922, Mário decide responder um texto depreciativo sobre *Klaxon*, publicado anonimamente pela revista O Mundo Literario". Categorizada como passadista e conservadora, *Klaxon* seria uma repetição sintética do manifesto futurista do italiano Marinetti, de acordo com o artigo misterioso. Mário, então, repassa diversos parágrafos do documento futurista em voga, tecendo aproximações e distanciamentos e afirma: "E se em outras coisas aceitamos o manifesto futurista, não é para segui-lo, mas por compreender o espírito de **modernidade universal**" (KLAXON, 2014 [1922]).

Embora repudie taxativamente "qualquer 'patriotismo' que se manifeste política e idealistamente" (ANDRADE, 1928a), engana-se quem pense ser possível ver em Mário de Andrade uma solidariedade latino-americana. Não em meados dos anos 1920. Em 1927, o poeta inicia a sua colaboração com o Diário Nacional (de São Paulo), órgão do Partido Democrático. No ano seguinte, sobretudo no mês de abril, Mário publica uma série de 4 artigos centrada na análise da literatura modernista – ou moderna – feita na Argentina.

3.2.1. A Argentina modernista para Mário de Andrade

1. *Literatura modernista Argentina I, 22 de abril de 1928, página 9*

Mário de Andrade escolhe iniciar o texto ressaltando haver uma grande diferença entre as "literaturas modernas" da Argentina e do Brasil. O autor fala em uma distinção de "rythmo" que impossibilitaria a compreensão integral do que é realizado no país vizinho, apesar do fato não retirar o mérito da força e a admiração de Mário.

Entre as literaturas modernas da Argentina e do Brasil, vae uma differença. (...) tão grande que me parece difícil a gente se compreender integralmente. (...) Essa observação me parece importante e falarei porquê. (ANDRADE, 1928a)

Se o ritmo que organiza a literatura de um país é incompreensível – por não fazer parte – ao outro, certos ideais de "americanismo e latinoamericanismo" não poderiam despertar interesse. Ao menos, não a Mário de Andrade. O escritor admite

o conceito político de patria, embora elle me repugne. (...) todo e qualquer alastramento do conceito de patria que não abranja a humanidade inteira me parece

odioso. Tenho horror a essa historia de "America Latina" muito agitada hoje em dia. (...) Tenho horror a Pan-americanismo. (ANDRADE, 1928a)

Apesar de não acreditar em uma “unidade psychologica ou ethnica continental”, Mário de Andrade entende a questão nacional como comum a todos os países americanos ("Estamos incontestavelmente num periodo americano (e até universal) em que a preocupação de nacionalização domina.") e passa a traçar um breve panorama sobre cada um deles, embora o artigo tenha como mote a literatura modernista na Argentina. O crítico disserta sobre progressos alcançados pelo país vizinho e pondera ser o Brasil “no rincão da Sul-américa" um estrangeiro enorme.

A Argentina realizou um progresso material e intellectual unanime e bem grande. O argentino se tornou naturalmente um ser affirmativo, um ser que olha de cima. Sem que para isso careça de inventar idealismos vãos ou patriotismos exacerbados. Está claro que me refiro sempre à geração modernista. (ANDRADE, 1928a)

2. Literatura modernista Argentina II, 29 de abril de 1928, página 11

Escritos em continuidade – o primeiro artigo é encerrado com o aviso de desdobramento no domingo seguinte –, o tom e a tônica deste segundo texto são outras. O articulista Mário de Andrade destaca em sua análise a vida coletiva intensa e forte na Argentina, a qualidade e a persistência das revistas modernistas – se comparadas às brasileiras – e, entre outros aspectos, a "suavidade lirica (...) sem excesso de individualismo" dos intelectuais argentinos.

Podemos afirmar que o artigo é centrado em um breve panorama dos periódicos com os quais Mário de Andrade tinha familiaridade à época. Ele menciona "Nosotros, Inicial, Prisma, Proa, Los Pensadores, Claridad, Valoraciones, Campana de Palo, Clarin, Brújula e Martin Fierro".

O escritor não faz referência a nenhum dos tópicos abordados no primeiro artigo, relacionados a americanidade, patriotismo ou nacionalismo. Apenas menciona aspectos de seu país como medida de comparação.

Si os primetos pruridos de renovação apareceram lá com os poemas de Ricardo Guiraldes em 1915, como aqui com a aventura surpreendente de Anita Malfatti, foi mesmo só depois da Guerra que o movimento botou corpo. Uma enquête de "Nosotros" em 1923 teve o mesmo e unico merito da Semana de Arte Moderna aqui, "puso de manifiesto, sino una nueva sensibilidad, por lo menos una reaccion higiénica" (P. J. Vignale). (ANDRADE, 1928b)

Além de transcrever para o público brasileiro trechos de produções literárias dos argentinos, Mário de Andrade menciona figuras como Álvaro Yunque, Luis Emilio Soto

("figura forte e angular, com a pureza nitida dum desenho de Léger"), o novelista e contista argentino Ricardo Güiraldes (1886-1927) e o próprio Pedro Juan Vignale, ilustrando, assim, parte de suas conexões no país vizinho.

3. Litteratura moderna Argentina III, 13 de maio de 1928, página 10

Na página 10, no dia 13 de maio de 1928, o *Diário Nacional* presenteou o leitor com uma dupla célebre de articulistas: ladeando Mário de Andrade em seu terceiro "Literatura moderna Argentina", estava o escritor, poeta, ensaísta e crítico literário argentino Jorge Luis Borges (1899-1986) com "Queixa de todo crioulo". Diz Mário ser Borges a "personalidade mais saliente da geração moderna da Argentina. Depois de Ricardo Güiraldes – o que teve a felicidade de morrer depois da obra-prima – a figura de Jorge Luis Borges é a que mais me atrai e me parece mais rica de lá" (p. 10).

Considerando o planejamento do intelectual paulista para uma série de artigos temáticos (Mário mesmo avisa de seu encerramento no "domingo proximo"), e tendo em mente um olhar integral para os quatro textos, é possível notar o fato de Mário de Andrade seguir um caminho de aprofundamento em seu olhar para a produção literária modernista encabeçada pelos intelectuais argentinos à época. Se no primeiro artigo há uma demarcação pelo que os distanciava, e no segundo, um panorama sobre os periódicos publicados no país vizinho, o terceiro texto da coluna focaliza na revista *Martín Fierro*, detentora do movimento

mais fecundo e mais típico da literatura moderna argentina. "Martín Fierro" tomou e mantém cada vez mais viva uma função orientadora e selecionadora de idéas e valores caracteristicamente modernistas. Além disso, limitou em geral a sua manifestação á arte, o que a valoriza especialmente neste trabalho, cujo fim é de vulgarização artística. Por todas estas razões "Martín Fierro" ajunta o que tem de melhor a literatura moderna argentina e representa com largueza e caracter o espirito dessa literatura. (ANDRADE, 1928c)

Além dos artigos temáticos de Borges e Mário, a página 10 do veículo apresenta um "Poema sin titulo" de Leopoldo Marechal (1900-1970) e "Tarde a Solas", de Norah Lange (1905-1972), este último parte do texto do escritor paulista.

Se Mário de Andrade inicia a coluna com, entre elogios, uma crítica ao espaço que *Martín Fierro* costumava dar a muitos nomes estrangeiros – europeus –, ele diz ter tido a intenção, no artigo, de dar visibilidade aos nomes "mais evidentes do movimento modernista da literatura argentina".

Minha intenção foi a melhor possível e não tenho a vaidade dos juízos que exprimo.

Valem de passagem como sensação de leitor estrangeiro, no sentido em que "estrangeiro" compreende apenas uma psicologia étnica diferente. Porquê no resto não me considero estrangeiro pra ninguém. Aqui no Brasil a palavra "estrangeiro" só é conhecida pelos semi-cultos. Meu povo só fala em "estranhos". Naqueles que a gente estranha um bocado pelo modo de falar e de sentir. E' como estranho que escrevi tudo isto. Minha intenção foi apenas vulgarizar aqui nomes de valor que não cedem a muito nome europeu que vem na capa tradicionalmente comprada de livro franceses, inglês e italiano. Na renovação enorme por que está passando a literatura de agora, **nossos países da America já compartilham com menos número mas igualdade de valores do movimento do mundo**⁷¹. (ANDRADE, 1928c)

4. *Literatura moderna Argentina IV, 20 de maio de 1928, página 11*

O derradeiro artigo da série elaborada por Mário de Andrade é um dos maiores e focaliza um intelectual da literatura moderna argentina: Ricardo Güiraldes. Na visão de Mário, o novelista e contista, falecido no ano anterior⁷², era à época o maior representante do "período psicológico nacional que estão atravessando com maior ou menor intensidade as **nações sul-americanas**". Faz-se oportuno salientar dois aspectos: 1) a escolha da condução do leitor brasileiro por um panorama da literatura argentina, encerrando, então, em um escritor emblemático; e 2) como Mário de Andrade passa a enfatizar questões comuns aos países sul-americanos, deixando de lado o prisma da diferenciação como marca.

Em seu último texto, o escritor paulista se dedica a uma detalhada crítica literária, mencionando aspectos diversos da obra "curta e irregular" de Güiraldes, da poesia à prosa, cuja influência era, na opinião de Mário, um espelho, e não um modelo. Mário de Andrade ainda afirma que Ricardo Güiraldes deixou duas obras esplêndidas como legado, sendo uma delas "um dos livros mais notáveis da época e o mais significativo da literatura argentina contemporânea".

Já afirmei que a diferença psicológica atual entre brasileiros e argentinos significava mais que simples descendência racial e circunstâncias sociais diferentes. Significava que as duas nacionalidades já possuíam uma entidade psicológica constante. Essa entidade por meio de todas as libertações entrou no período de fixação. Por isso mesmo período de mais turtuveio. Momento de trabalho brabo, muita crítica, pesquisa por demais, inquietação, vitórias e enganos. (ANDRADE, 1928d)

Ora influência europeia, apesar de figuras escoteiras mais ou menos arreadas de hispanismo lá e lusitanismo aqui, ou mais ou menos germanizadas no pensamento, influência europeia quase que é sinônimo de influência francesa. Pois ninguém como Ricardo Güiraldes não pode representar tanto este momento sulamericano.

⁷¹ Grifo da pesquisadora.

⁷² Data de 17 de novembro de 1927 a carta remetida por Soto a Mário de Andrade contendo a notícia da morte de Güiraldes. "Das novidades literárias daqui, a única e por certo de transcendência dolorosa, é a morte de RICARDO GÜIRALDES, o querido amigo e autor de *Don Segundo Sombra*, obra a mais intensa das que apareceram nos últimos tempos em Buenos Aires. Em minhas [cartas] anteriores já lhe falei de Güiraldes a propósito de publicar-se esse livro que junto com *Martín Fierro* e *Facundo*, formam a trilogia épica do pampa e a gesta do gaucho cada dia mais bloqueado pela civilização." Ver em Artundo (2013).

das las épocas fué el fundador de nacionalidades. Sin mí el pueblo sería como el espartano, guerrero o aristócrata hasta llegar al sibirismo, prólogo de seguros fracasos. Recuerde a Fenicia, a Cartago. La riqueza de los hidalgos y de los capitanes tenía su inicio en el pillaje de que hacían víctimas a sus enemigos vencidos. No se olvide de Creso, de Pompeyo, de César, de Escipión, de Sila, de Lúculo... Y en cuanto a los modernos, nada tengo que decirle de Napoleón y de Cromwell. Si bien que yo procedo de otro modo. Soy el juntador de los pueblos. Por eso mi desenvolvimiento se cimenta sobre el capital. No proteste; no ponga esos ojos de espanto y medite acerca de lo que voy a decirle. El descubrimiento de las Indias no fué sino el corolario de mi expansionismo en Portugal. Sin mí ¿qué sería del gordo John Bull y del flaco Uncle Sam? Sabe usted quién financia los bailes, quién organiza las fiestas cívicas, los reclamos diplomáticos, los prestigios políticos? ¿Ignora usted quién proporciona el lujo a la sociedad y el poderío al Gobierno a quien yo ordeno que declare la guerra y pacte la paz?" Y henchido de orgullo, el Señor Comercio agregó: "Yo, el nieto de los Medici, padres de esa historia que ustedes llaman Renacimiento. Pero revise los libros y haciendo poco caso de los apasionados enemigos que me combaten, reconozca que con mi oro, con mi panza, con mi cinismo, con mis fábricas, gobierno al mundo, y que sin mí no serían poderosos los Estados. Y el ídolo concluyó, encendiendo un segundo tabaco."

Romántico tocado de sentimentalismo, no de sensiblería, en *Os cavallos da Mesopotamia* comenta la noticia publicada por los periódicos, de que Lord Churchill anunciara a la Cámara de los Comunes su propósito de ordenar el sacrificio de treinta mil caballos pertenecientes al Ejército (de la División Auxiliar de Caballería, que se utilizaron durante la Gran Guerra en la Mesopotamia), por constituir, pasado el momento que los hacía imprescindibles factores para lograr el triunfo, una grave carga para el Tesoro Británico, que tendría que gastar en su transporte un millón doscientas mil libras esterlinas.

El espíritu práctico del sajón que no se deja vencer por el romanticismo que subyuga a los latinos, prefiere sacrificar treinta mil caballos a gastar un millón y pico de libras esterlinas en transportarlos desde el remoto lugar a que fueron conducidos para prestar valiosos servicios al Ejército inglés, hasta las Islas Británicas, donde ya no se recuerda a esos pobres amigos del soldado a quienes el furor de la guerra respetó la vida, que ahora un prominente súbdito inglés, intenta sacrificar, para ahorrar así el importe de su traslado a Inglaterra.

Y esta ingratitud que afea la personalidad de Lord Churchill, al menos a los ojos de los pueblos enfermos del idealismo que hizo inmortal a nuestro Señor Don Quijote, da pie a Luis de Camara Cascudo para entonar un himno en loor del caballo, el mejor amigo del hombre, si no contamos al perro, que siempre ha estado a su lado en

los grandes acontecimientos históricos ofreciéndole sus servicios, ya en los tiempos primitivos como bestia de carga, ya como compañero de fatigas de los soldados de Alejandro, Bonaparte y Bolívar, ya atravesando las páginas de la leyenda al trotar por los arenales de la Mancha en busca de la Gloria y conducido por el enteco Caballero de la Triste Figura, ya sirviendo de inspiración a Apeles, a Leonardo y a Velázquez.

Y con piedad infinita, tierno y conmovedor en su afecto por los nobles brutos incapaces de superar al hombre en sentimientos tan denigrantes como lo son la ingratitud y la avaricia de algunos lores, empapa su pluma en tinta corrosiva para perfilar la personalidad poco simpática de Churchill, el cual "se olvida, preocupado con las columnas de cifras del Presupuesto de su nación, de esos caballos condenados a muerte por razones económicas, de que en los momentos de angustia para Inglaterra fueron factores decisivos de la victoria que consolidó el poderío británico".

Los más notables trabajos críticos del libro son los que tratan de Elycio de Carvalho, Rosalia Coelho Lisboa y Roquette Pinto, brasileros, así como los de los argentinos Benjamín de Garay, Hugo Wast y del centroamericano Froilán Turcios, a quien incluye en el número de los artistas del Plata.

Vailoso estudio el que hace al juzgar al argentino Arturo Capdevila, el escritor que aleccionado por José Enrique Rodó ha proclamado que existen dos felicidades: una, la principal, que es la interior o subjetiva, que constituye un estado; y la accesoria, supeditada al ambiente, efímera y mutable, la cual constituye una forma.

Libro de arte, de meditación, enseña deleitando, por lo que cuando volvemos la última de las pocas hojas que constituyen el pequeño volumen, nos sentimos aquejados de una pequeña tristeza por haber terminado tan pronto el placer de su lectura; algo así como lo que nos pasa, cuando escuchamos absortos la música prodigiosa de los grandes virtuosos del pentagrama y de improviso cae la vibración divina y rompiendo el encanto que nos poseía descendemos a la realidad de que nos alejó por unos minutos la inspiración de Liszt, de Beethoven o de Grieg.

JUAN GUERRA NÚÑEZ.

Juan J. Remos. HISTORIA DE LA LITERATURA CUBANA. Tomo I.
La Habana. Librería José Albela. Padre Varela 32. 1925.
403 págs.

Sobre Historia de la Literatura Cubana no contaba la bibliografía nacional más que con tres obras: la de Mitjans, la de Menéndez y Pelayo y la de Manuel de la Cruz: la primera, por la lamentable

C) O Sr. Mário de Andrade

por Luís da Câmara Cascudo

A maior originalidade que posso encontrar no escritor brasileiro é o apresentar-se com o aspecto natural de sua inteligência. Aí vai uma palmatorada em Buffon para quem o estilo era o homem. A desculpa está no tempo do verbo ser. Quando um homem escreve no Brasil disfarça-se. Creio mesmo que desaparece. Isto tudo é tentando o efeito moral, o estouro do magnésio indiscreto e fixador de minutos. Vem daí ter-me dito Monteiro Lobato: "-- Ainda escrevo um romance que começa assim - Pum! E o bandido caiu!..."

O sr. Mário de Andrade – como os reclames da emulsão de Scott – começou assim, estourando, bufando, grunindo. Nós estávamos habituados ao concerto a quatro mãos. Repertório. *Norma*. *Trovador*. Nas salas ricas. *Aída*. *Boemia*. Gente fidalga. *Rapsódias de Liszt* (somente a segunda) e Chopin (as valsas, em fabordão).

O sr. Mário de Andrade arranjou-se e conseguiu entrar no Teatro onde todo o talento se acoitara madorrando. Aí chegado, pediu e fez encenar algo de si mesmo. A orquestra rompeu a sinfonia. Ou outra coisa. Era Lohengrin. E vem Lohengrin com as armas brancas e a voz máscula de guerreiro cristão. Na indolência do azul pincela de branco o cisne lento. Há um estrado e nele o sr. Mário de Andrade explicando a gênese do drama. De repente, duas pancadas, e a orquestra "sapeca":

– *Maribondo amarelo mordeu*

– *Na capela do ôio, não doeu!...*

E o autor falava neste minuto nos poetas Apollinaire e Greggh.

Toda essa estapafúrdia coisa significa o arrojo deste singular temperamento de artista e criador. A sua coragem cifra-se em apresentar-se como é, sem máscara, e dispensando o amável auxílio das citações. De linha em linha voa o pensamento. Paralelo as imagens sobem. Sistema Blaise Cendrars. E a ideia para ser escrita basta ser pensada. Sistema Paul Fort. Tal é o sr. Mário de Andrade.

Mais dois defeitos. Ri e anda depressa. O Brasil desmente Rabelais e H. Castriciano. "Com quatro séculos o brasileiro só aprendeu a sofrer e assobiar." Disse o último. Erro. Desaprendeu a derradeira virtude. Podia citar Plutarco sobre a flauta, mas dispenso-me.

A verdadeira expressão de talento é a seriedade. É um homem sério. Está vitorioso. Vive rindo. Não leva nada a sério. Está perdido. No Brasil Giwynplaine não chegaria a bacharel.

Andar depressa é outro crime. O talento está na razão inversa da velocidade na marcha. Homem pausado, vagaroso, arriscando o pé na remorada majestade das procissões é o vencedor. Terá o prêmio e as batatas.

O sr. Mário de Andrade é o homem-busca-pé, o foguete, o ele mesmo. Todos nós somos (desde o exmo. sr. Visconde de Porto Seguro) os outros. A imitação vem dos clássicos gregos (não citarei [Reincho] e o Coelho Neto) Egito (idem Maspero) Roma (ele Acad. de Let até os romances franceses. Nunca, francamente, copiamos, caricaturamos. Os mestres não são Gros ou Manet. Guerras ou audácia. Daumier, Gavarni, Callot, Forain? Jamais. Caran d'Ache, este sim.

Saindo (ou chegando?) para o regionalismo o Sertão desconhecerá o retrato. Exemplo: o sr. Catulo da Paixão Carioca. O primeiro vaqueiro a quem se receitar algo do extraordinário vate, abrirá o queixo até o umbigo.

A excelência do sr. Catulo está em retratar em lâmina Zeiss a caatinga, o entrefecha umbroso dos marmeleiros. Retrata através duma lente. Aumenta e disforma. O sr. Mário de Andrade não aumenta o que vê – fixa. O principal erro do meu pretexto é a crítica vendo o objeto. Com este ambiente de hipérbole as coisas são multiplicadas pela imaginação. O crítico vem e olha. Vai apagando os traços e pondo outros que, segundo ele, ficam melhor. Imaginação x objeto = criação. Crítico = criação – imaginação. Sr. Mário de Andrade x imaginação x audácia = criação x objeto. Tal é o sr. Mário de Andrade.

Agora sua estética. Estética é um lindo nome. Às vezes substitui o pensamento. "Habeas-[corpos]" – para citar Hugo – às vezes a boa memória é tida como inteligência. O sr. Mário de Andrade tem as duas coisas.

Sopremos sobre este pó erudito. A verdade é simples por não ser definida. Para o espírito ágil e a extrema capacidade criadora deste Paulista com P maiúsculo por causa do sr. Oliveira Viana) a Arte é naturalidade consciente, grafiação espontânea dum temperamento através duma sensibilidade. Não é de Zola este período.

Depois das lutas descobriu Malazarte. Malazarte filósofo à Graça Aranha. Malazarte folião a Nordeste brasileiro pede ainda o complemento de Sancho Pança, não o de D. Quixote mas o de Unamuno. Com este companheiro completou-se.

Aí dá-se o inverso. Malazarte é otimista, quase cético e sempre inoportuno como todo conselheiro. Mas alastra o excessivo voo do estilo e de fra-se. Devíamos ter um stock de Malazartes pendurados aos pés de tantos Icaros de remígios teimosos sobre mares secos. O seu Malazarte faz viver homens no Teatro de seu Trabalho. Maeterlinck, segundo Papini, é o destro manejador de marionetes metafísicas. Aí está um bolo em Maeterlinck.

O sr. Mário de Andrade deve ser de raros comentadores. O homem espelho para o homem é quase um engano de Carlyle. Nada mais afugenta como um homem. Pelo menos a ideia do homem. Às vezes atrai pelo extremo encanto sugestivo da originalidade e talento.

Tal é o sr. Mário de Andrade.

[Em Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP, publicado originalmente em A Imprensa, Natal, em 11 de junho de 1924.]

D) Mapeamento de textos assinados por Mário de Andrade (Mario de Andrade, M. A. e M. de A.) publicados nas 9 edições da revista *Klaxon* em 1922

Tabela 1 - Klaxon n. 1, 15 de maio de 1922

1. Chronicas Pianolatria	M. de A.
2. Luzes e Refracções	M. de A.

Tabela 2 - Klaxon n. 2, 15 de junho de 1922

1. Chronicas Guiomar Novaes (1)	Mario de Andrade
2. Livros & Revistas "A Mulher que pecou", por Menotti del Picchia	M. A.

Tabela 3 - Klaxon n. 3, 15 de julho de 1922

1. Chronicas Guiomar Novaes	Mario de Andrade
2. O homenzinho que não pensou	Mario de Andrade
3. Livros & Revistas "Casa do Pavor", por M. Deabreu	M. de A.
4. Livros & Revistas "Uma Viagem Movimentada", por Théo-Filho	M. de A.

Tabela 4 - Klaxon n. 4, 15 de agosto de 1922

1. São Pedro	Mario de Andrade
2. Livros & Revistas "Despertar", por Hermes Fontes	M. A.

3. Chronicas "Arlequinada", por Martins Fontes	M. de A.
---	-----------------